

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

A INFLUÊNCIA DO MOVIMENTO FEMINISTA NOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS

Jennifer Andrea Ramos dos Reis (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Dra. Daniele de Andrade Ferrazza (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: reijsjennifer_@outlook.com

Palavras-chave: Subjetividade. Feminismo. Patriarcado. Psicologia Social.

O movimento feminista brasileiro durante toda sua história obteve muitas conquistas importantes para os aspectos sociais, políticos e econômicos relacionados à vida da mulher, no entanto, muitos outros enfrentamentos e conquistas precisam ser alcançadas. A luta e a resistência contra tantos tipos de opressões, agressões e violências sofridas pelas mulheres são de suma importância para que a desigualdade entre os gêneros sejam dissolvidas (BEAUVOIR, 1980; RAGO, 1998; 2001; 2004).

Um dos pontos centrais da luta feminista, segundo Rago (2001), é de que as mulheres devem ser reconhecidas e se reconheçam como sujeitos políticos, para que o conceito de cidadania amplie-se e uma nova concepção da prática política se manifeste tanto em espaços institucionalizados da política quanto na própria vida cotidiana. A mulher não é uma essência biológica pré-determinada, mas sim uma identidade construída social e culturalmente pelas relações, pelas práticas disciplinares e pelos discursos instituídos, o que torna possível a desconstrução de conceitos normativos impostos pela sociedade na construção de possibilidades de novas subjetividades (RAGO, 1998). Como cita Beauvoir (1980, p. 99), “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”.

De acordo com Rago (1998), a década de 1970 foi de suma importância para a visibilidade das mulheres enquanto agentes históricos. Foi a partir daquele momento que as mulheres criaram nas universidades seus próprios núcleos de estudo e pesquisa, que começaram a questionar as imposições estigmatizadoras e misóginas do saber médico sobre seu corpo, que passaram a assumir inúmeras atividades políticas, econômicas e sociais, e que iniciaram a contestação da questão natural da maternidade, do aborto como ilegal e da existência da sexualidade feminina apenas para a reprodução.

Para Michel Foucault (1984), os processos que constituem a subjetividade do sujeito

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

são influenciados pelas formas discursivas do saber e dos dispositivos de poder, ou seja, as relações sociais estão marcadas por dispositivos historicamente constituídos e que provocam a produção de sujeitos assujeitados. Conforme Rago (2004), as lutas feministas contribuíram para que fossem firmadas mudanças nos códigos morais e jurídicos, nos valores, nos comportamentos, nas relações intra e interpessoais, nos sistemas de representações e no modo de pensar, a partir de uma construção de um “novo olhar sobre si e sobre o outro”, tornando o mundo mais filóginio.

Entretanto, conforme Costa (2005), a política feminista encontra resistência quanto à mudança de pensamentos no âmbito social, pois não possui acesso a mecanismos amplos de comunicação e ainda precisa enfrentar a repressão constante do Estado, construído baseado em um sistema patriarcal. Seria então tarefa do feminismo, enquanto movimento social organizado e articulado com outros setores da sociedade brasileira, pressionar, fiscalizar e buscar influenciar o aparelho estatal, para que seja possível a definição de metas sociais que atendam aos interesses femininos e o desenvolvimento de políticas sociais que garantam a equidade de gênero.

Nesse sentido, o presente projeto de pesquisa tem como objetivo compreender, por meio da realização de entrevistas com mulheres de diferentes gerações, a influência do movimento feminista em novos modos de subjetivação de mulheres brasileiras. Mais especificamente, pretende-se: (a) estudar a possibilidade dos aspectos conquistados pelo movimento feminista influenciar na vida cotidiana das mulheres entrevistadas; (b) investigar como as conquistas e as pautas levantadas pelo movimento feminista influenciam no discurso das entrevistadas sobre a condição da mulher na atualidade; (c) verificar como as problemáticas discutidas pela luta feminista impactam, de forma positiva ou negativa, na vida das entrevistadas; (d) analisar se as mudanças causadas pelo movimento feminista na vida das mulheres entrevistadas se situam muito mais como discurso e atitudes desejadas do que atitudes efetivas em suas vidas.

Dessa forma, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com algumas mulheres de diferentes gerações, na faixa etária entre 20 e 60 anos de idade, que se encontram matriculadas na Universidade Estadual de Maringá (UEM), situada no Estado do Paraná. A entrevista semiestruturada será conduzida pelo entrevistador de acordo com um roteiro de perguntas previamente elaboradas referentes a assuntos abordados pelo movimento feminista no Brasil e de acordo com os objetivos da presente pesquisa.

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

Posteriormente, as entrevistas serão transcritas e analisadas de acordo com a análise de conteúdo temática. O procedimento para a análise das entrevistas será dividido em quatro etapas: primeiro, será realizada uma “leitura flutuante” de todas as transcrições; segundo, serão analisados aspectos recorrentes nos discursos das entrevistas para a constituição de eixos temáticos; terceiro, serão criadas categorias e subcategorias analisadoras; e, finalmente, será construído um texto articulando as análises realizadas com as reflexões da literatura especializada sobre o feminismo. Um conjunto de técnicas de análise de comunicações serão utilizadas para investigar dados qualitativos a fim de buscar o sentido ou os sentidos de um documento, utilizando-se de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (CAMPOS, 2004 apud BARDIN, 1977).

Portanto, pretende-se com essa pesquisa contribuir para novas reflexões e estudos acerca do processo que faz do movimento feminista um possível transformador de subjetividades de mulheres e homens ao proporcionar reflexões acerca dos efeitos que as lutas e enfrentamentos do feminismo pode proporcionar em novos modos de subjetivação. Além disso, a presente pesquisa visa compreender como o movimento feminista, enquanto movimento social, transformou verdades estabelecidas e aceitas a respeito da mulher em novas concepções para que, a partir disso, seja possível entender como essa mudança, no âmbito social, reflete nos modos de subjetivação do sujeito feminino.

Referências

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, v. 2.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, out. 2004.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Labrys, Estudos Feministas/Études Féministes**, Brasília, v. 7, 2005.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 9-17.

RAGO, M. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (orgs.) **Masculino, Feminino, Plural**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

_____. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: COSTA, C.; SCHMIDT, S. (Orgs.). **Poéticas políticas feministas**. Florianópolis: Mulheres, 2004. p.31-41.

_____. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 53-66, jul. 2001.